

APRESENTAÇÃO

Sociologia dos Mercados e Emoção

Maria Chaves Jardim (UNESP)
Marcia da Silva Mazon (UFSC)

Algumas iniciativas que colocam mercado e emoções em diálogo são observadas nas ciências sociais desde os clássicos, chegando aos contemporâneos. Illouz (2011, p. 7) cita as “[...] numerosas referências” aos sentimentos e afetos nos clássicos da sociologia: a alienação do trabalho como perda do vínculo com a realidade, em Marx; os sentimentos religiosos dos calvinistas como motivação da ação econômica capitalista, em Weber; a vida neurótica e as atitudes blasé do indivíduo nas metrópoles modernas, em Simmel; e, por último, a solidariedade social e a efervescência coletiva em Durkheim.

Além desses clássicos, podemos citar a contribuição de Weber e de outro clássico, Werner Sombart. Portanto, a emoção aparece como variável central em Weber, sobretudo na *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, quando Weber (1967) busca compreender a existência singular de um capitalismo racional, planejado, que fazia uso da contabilidade racional, cujo *ethos* existia somente no ocidente. Da mesma forma, observou que esse *ethos* se estendia para o Direito, para as artes e para a música, enfim, para todas as esferas da vida social no ocidente, causando perda da magia e do encanto.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Buscando identificar a gênese deste *ethos*, Weber estudou várias religiões e seitas. Mas foi na ação irracional dos calvinistas, ou seja, na ação passional com o único fim de agradar Deus, que encontrou afinidade com o espírito do capitalismo: o *ethos* do capitalismo moderno teria encontrado terreno fértil entre os calvinistas, devotos de um deus misterioso, para quem trabalhavam com disciplina e viviam uma vida de retidão. Assim, não era para o enriquecimento pessoal que os fiéis se dedicavam ao trabalho; ao contrário, a ética protestante calvinista, de natureza afetiva, passional e irracional, era motivada pelo valor da fé. Essa interpretação, que coloca a variável religião sob a chave de uma “ação irracional referente a emoções”, ganha força quando encontramos a citação de Weber: “O irracional é algo que nunca aparece em si, mas apenas a partir de um determinado ponto de vista racional” (WEBER, 1967, p. 35). A vocação e a fé calvinista, consideradas como ação irracional, só ficam em evidência na relação com o enriquecimento e o lugar ocupado pelos protestantes na hierarquia social, resultantes do trabalho vocacional com o objetivo irracional de agradar Deus.

A sociologia econômica tem pontuado a contribuição de Weber na desconstrução da ideia de mercado como algo desenraizado da sociedade, já que a religião calvinista seria a principal explicação para o *ethos* capitalista moderno. Weber contribuiu não apenas trazendo variáveis extraeconômicas mas ainda nos apresentou a irracionalidade como propulsora do sistema capitalista moderno racional. Essa irracionalidade calvinista pode ser interpretada como as emoções que motivaram o trabalho vocacional dos calvinistas.

No livro *Luxo e Capitalismo*, Sombart (1912) argumentou que o prazer era o elemento mais significativo da sociedade capitalista ocidental, já que o erotismo, o luxo e o refinamento dos sentidos teriam levado à sede de consumo que gerara cada vez mais mercados. A secularização do amor – em contraposição à secularização da religião apontada por Weber – é o ponto de partida do livro de Sombart. A secularização do amor começaria após o fim das cruzadas, quando três acontecimentos concorreram para uma profunda mudança na relação entre os sexos: a formação das cortes europeias, a necessidade de esbanjamento dos burgueses enriquecidos e a criação das cidades como centros de consumo. Para Sombart, esses acontecimentos

não eram suficientes para explicar a construção da sociedade capitalista. O autor acrescenta a participação ativa e insubstituível da mulher cortesã, que, com uma impetuosidade refinada, contribuiu para desvincular encantos e gozos do amor, da instituição casamento, colocando-os em outro espaço, o da ilegalidade e da concubinação.

De uma forma surpreendente para a sua época (e até para os dias de hoje), Sombart foi bastante original em sua análise: primeiramente colocou o prazer como variável explicativa para a consolidação do capitalismo; em segundo lugar, deixou em foco o prazer proporcionado por mulheres cortesãs, de diversas origens (mulheres casadas e abandonadas por seus maridos, moças “enganadas” por seus noivos). O importante é considerar que essas mulheres “tinham berço” e que possuíam “o bom gosto”, que teria se difundido pela Europa. O amor secularizado, lócus dos impulsos das paixões, realizava-se na ilegitimidade, em paralelo com os casamentos formais para a reprodução biológica e social da burguesia.

Na contemporaneidade, Hochschild (1979) argumenta contra a visão binária que separa razão e emoção e que opõe categorias como racional/irracional. A autora reformula as emoções no contexto da interação social e da tomada de decisão dos agentes, isto é, o conceito de trabalho emocional ajuda a entender que as emoções são construídas na interação social, que os indivíduos administram seus sentimentos e os adéquam a uma determinada expectativa.

Já Zelizer (2009) coloca em xeque a crença de que a vida humana se concretiza em esferas separadas, os “mundos hostis”, que deixam em oposição amor e dinheiro, sexo e amor, trabalho e favores, esfera pública e esfera privada, formal e informal, sem que um “mundo” contamine o outro.

Para a autora, a racionalidade, a eficiência, a impessoalidade e o planejamento formariam os princípios que organizam o mundo da economia; e o outro mundo, o da intimidade, seria formado pelas relações interpessoais, orientadas pela solidariedade e pelos sentimentos de pertencimento resultantes do envolvimento emocional e pessoal dos indivíduos entre si. Essa separação dos “mundos hostis” teria como origem a classificação criada pela economia neoclássica sobre o que gera e o que não gera valor. Esse

não eram suficientes para explicar a construção da sociedade capitalista. O autor acrescenta a participação ativa e insubstituível da mulher cortesã, que, com uma impetuosidade refinada, contribuiu para desvincular encantos e gozos do amor, da instituição casamento, colocando-os em outro espaço, o da ilegalidade e da concubinação.

De uma forma surpreendente para a sua época (e até para os dias de hoje), Sombart foi bastante original em sua análise: primeiramente colocou o prazer como variável explicativa para a consolidação do capitalismo; em segundo lugar, deixou em foco o prazer proporcionado por mulheres cortesãs, de diversas origens (mulheres casadas e abandonadas por seus maridos, moças “enganadas” por seus noivos). O importante é considerar que essas mulheres “tinham berço” e que possuíam “o bom gosto”, que teria se difundido pela Europa. O amor secularizado, lócus dos impulsos das paixões, realizava-se na ilegitimidade, em paralelo com os casamentos formais para a reprodução biológica e social da burguesia.

Na contemporaneidade, Hochschild (1979) argumenta contra a visão binária que separa razão e emoção e que opõe categorias como racional/irracional. A autora reformula as emoções no contexto da interação social e da tomada de decisão dos agentes, isto é, o conceito de trabalho emocional ajuda a entender que as emoções são construídas na interação social, que os indivíduos administram seus sentimentos e os adequam a uma determinada expectativa.

Já Zelizer (2009) coloca em xeque a crença de que a vida humana se concretiza em esferas separadas, os “mundos hostis”, que deixam em oposição amor e dinheiro, sexo e amor, trabalho e favores, esfera pública e esfera privada, formal e informal, sem que um “mundo” contamine o outro.

Para a autora, a racionalidade, a eficiência, a impessoalidade e o planejamento formariam os princípios que organizam o mundo da economia; e o outro mundo, o da intimidade, seria formado pelas relações interpessoais, orientadas pela solidariedade e pelos sentimentos de pertencimento resultantes do envolvimento emocional e pessoal dos indivíduos entre si. Essa separação dos “mundos hostis” teria como origem a classificação criada pela economia neoclássica sobre o que gera e o que não gera valor. Esse

sistema de classificação foi expandido para todas as esferas da vida social, da corporação à intimidade, performatizando a teoria econômica.

Zelizer (2009) identifica que, para a teoria econômica neoclássica, a introdução das emoções nas trocas econômicas corromperia o bom funcionamento do mercado, gerando corrupção, já que existia “[...] uma aguda divisão entre as relações sociais íntimas e as transações econômicas, tornando qualquer contato entre as duas esferas moralmente contaminado” (ZELIZER, 2009, p. 238).

A leitura de Zelizer nos permite concluir que a interação entre mercado e intimidade não é tão profana, tal como difundido pelo senso comum. Para a autora, a penetração do mercado e da economia na sociedade não levaria à submissão desta última aos imperativos da racionalização; da mesma forma, as transações econômicas e o mercado não estão livres dos códigos culturais dos agentes participantes.

É diante do potencial analítico que a variável Emoção coloca para os estudiosos dos mercados que esse Dossiê se apresenta. No conjunto, as autoras e os autores abordam temas incomuns na sociologia dos mercados, como o amor, o gênero, a individualidade, o racional e o irracional na esfera do consumo, o rescaldo da pandemia para a saúde mental, permitindo novos *insights* para a disciplina. A seguir, apresentamos os textos e as(os) autoras (es) que compõem o dossiê.

O texto de Maria Chaves Jardim, *O mercado de fertilização in vitro no Brasil: elementos socioculturais e emocionais presentes na doação e na recepção de óvulo*, é inovador, na medida em que trata de um mercado ainda não estudado pela sociologia dos mercados no Brasil: o mercado de reprodução assistida. Concretamente, a autora estuda a doação e a recepção de óvulos nesse mercado, buscando identificar elementos não econômicos que o sustentam, já que o dinheiro, em tese, não faria parte nas trocas entre doadoras e receptoras de óvulos. Por meio de pesquisa de campo em uma clínica de reprodução assistida na cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo e imersão em um grupo fechado do Facebook, a autora indica a presença de elementos emocionais nesse mercado, como o desejo da maternidade, o medo, além da ideia de altruísmo, sacrifício e sagrado.

Larissa Pelúcio contribui com um artigo bastante original, intitulado *Sangue na rede – mercado menstrual, menstruapps e tecnopolíticas de resistências*, o qual aborda as relações existentes entre os mercados e o corpo feminino. A autora discute a menstruação como um tema tecnopolítico, considerando a formação de grupos de ativismo menstrual em países sul-americanos e o crescente extrativismo de dados biológicos e fisiológicos que ocorre por meio de aplicativos móveis para o monitoramento do ciclo menstrual. Mostra a tensão existente entre mercado e “empoderamento” feminino por meio do exemplo empírico *Escuela de Educación Menstrual Emancipadas*, fornecendo elementos teóricos e empíricos para a sociologia econômica dos mercados avançar em discussões sobre mercados, gênero e emoção.

O artigo *“Eu” ordinal: entre aplicativos, emoções e indicadores*, de Elaine Leite, investiga os aplicativos individuais de autoajuda. Inspirados pelo princípio da psicologia positiva, esses dispositivos garantem estimular o crescimento pessoal e melhorar as habilidades emocionais através de um elemento neutro (aplicativo) que se alimenta de dados diários do “eu”, isto é, estimulam práticas de automonitoramento constante, e fornecem gráficos e indicadores que possibilitam a visualização de métricas do “eu”. Inspirada por autores como Zelizer, Fourcade e Hochschild, Elaine Leite constata uma sobrecarga da gestão do eu, resultado da intensificação do trabalho emocional e relacional para a construção da autorrepresentação ordinal mediada por máquinas digitais visando ao crescimento pessoal e ao bem-estar, seja este físico ou mental.

O artigo de James Tholl e Marcia da Silva Mazon *Entre o uso racional e a magia: consumo do metilfenidato, TDAH e escolas*, trata do binômio racionalidade *versus* magia no consumo de psicotrópicos. O artigo revisita a preocupação da OMS com o uso racional de medicamentos a partir do uso do Metilfenidato para o TDAH no ambiente escolar. O autor e a autora exploram o momento mais recente de impulso da indústria farmacêutica, essa que vende um bem, conforme Bourdieu, simbólico: o discurso que o coloca em circulação é o da denegação do lucro a partir de um exercício de encantamento. O artigo explora como esse discurso atinge a escola a partir da ideia do direito do professor a uma “sala tranquila” tão bem como

o efeito do medicamento sobre o comportamento de estudantes, o qual aparece expresso na fala de professores e professoras como “mágico”.

O artigo *El mercado de psicofármacos y lagestión de las emociones em tiempos post-pandémicos*, de Sandra Caponi, faz coro a outras muitas manifestações que surgiram face ao aumento do uso de psicotrópicos no período da pandemia de COVID-19 no mundo. Diante do silêncio imposto pelo uso abusivo ou evitável de psicotrópicos, diante da recorrência de diagnósticos ambíguos que ameaçam um “tsunami” de transtornos mentais como efeito da pandemia, diferentes autores e, nesse artigo, igualmente Sandra Caponi manifesta sua preocupação, destacando a necessidade de reconhecer que situações de medo, ansiedade e tristeza são reações comuns em tempos de pandemia e não devem ser consideradas como transtornos mentais.

O texto *As emoções na constituição de uma individualidade empreendedorista: contribuições possíveis a uma sociologia econômica da atualidade*, de Túlio Rossi, propõe uma análise sociológica dos processos de individualização na contemporaneidade, posicionando-se de forma crítica à perspectivas que tendem a identificá-lo como simples decorrência do neoliberalismo nos campos político e econômico, e destaca que, embora a individualidade seja elemento presente nas bases políticas e ideológicas das sociedades modernas, esta hoje seria resignificada, conferindo lugar especial à dimensão emocional e subjetiva, distinguindo-se da ênfase na racionalidade econômica liberal. Assim, propõe-se uma contribuição da perspectiva cultural à sociologia econômica, voltada ao empreendedorismo e à significação que as emoções adquirem nesse contexto.

Canções de amor e sofrimento: o amor romântico como crença na construção do mercado do sertanejo universitário é o texto coletivo de Gabriela Porcionato, Lucas Flôres Vasques e Thais Caetano de Souza, o qual traz os resultados de uma pertinente pesquisa de análise de letras de música sertaneja universitária, situando o tipo de amor a ser divulgado por seus engajados. Unindo sociologia econômica dos mercados, emoção e estudos da área da música, os autores identificam três eixos temáticos nas letras analisadas – a conquista, a traição e o término –, o que leva os autores a argumentarem sobre crenças duais em relação ao amor. Além disso, seus dados nos permitem concluir que, apesar do consumo “líquido do amor”

nas letras analisadas, existe, inconscientemente, uma representação de amor romântico nelas.

Referências

HOCHSCHILD, A. R. **The managedheart**: commercialization of human feelings. Berkeley: University of California, 1983.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOMBART, W. **Lujo y capitalismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1979.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Edusc, 2019.

ZELIZER, V. **Economic lives**: how culture shapes the economic. Princeton: Princeton University Press, 2011.

Recebido: 15/03/2022
Aceito: 15/03/2022
Versão final: 15/03/2022